

— GUIA DE ESTUDOS —



Escrevivência:

Explorando as potencialidades da literatura de autoria feminina negra



OFICINA DEBATES

Rio de Janeiro
2022

GUIA DE ESTUDOS

Escrevivência:

Explorando as potencialidades da literatura de autoria feminina negra

*Guia de estudos construído para uso exclusivo do evento Oficina Debates “Escrevivência: Explorando as potencialidades da literatura de autoria feminina negra”. É estritamente proibida sua comercialização, cópia e divulgação fora do âmbito aqui descrito.

Este Guia foi construído com a colaboração dos membros: ENSINO E PESQUISA – Victoria Motta e Vandercleo Junior MÍDIA E CRIATIVIDADE – Emily Zaphiro, Matheus Alves e Poliana Tavares

OFICINA DEBATES

Rio de Janeiro
2022



APRESENTAÇÃO

Como uma demanda na missão de desestabilizar e romper com as barreiras que separam simbolicamente a Universidade e a sociedade, a Iniciativa Debates Pós-Coloniais e Decoloniais decidiu criar a Oficina Debates como uma intervenção na política do conhecimento. Partimos do princípio de que uma oficina busca colocar em prática um determinado conhecimento adquirido, por exemplo, durante uma aula expositiva ou uma leitura de textos acadêmicos. Deixar esse tipo de debate permanecer nas paredes das nossas faculdades, contudo, reitera uma hierarquização de quem pode ter acesso, utilizar e se apropriar dele na sua vida cotidiana. Ao mesmo tempo, reconhecemos a importância de traduzir e até abandonar o “academiquês” usado como instrumento de validação de uma suposta autoridade em alguns discursos científicos.

O presente Guia de Estudos voltado para a Oficina Debates “Escrevivência: Explorando as potencialidades da literatura de autoria feminina negra”, portanto, inaugura mais uma maneira que nos intrometemos na ordem moderna/colonial e convidamos os participantes a nos acompanhar nessa jornada!

A proposta de oficinas no Debates oferece aos inscritos essas duas partes, que acontecerão separadamente nos dias 01 e 05 de novembro de 2022. Durante a aula expositiva, o objetivo é se familiarizar com o conceito de escrevivência conforme proposto pelas autoras-chave desse movimento. Aqui, a professora convidada fará uma exposição mais detalhada da bibliografia indicada, oferecendo um espaço para discussão da literatura e eventuais dúvidas. Essa parte será aberta para o grande público virtualmente no dia 01 de novembro. Já no segundo encontro, busca-se colocar a mão na massa: vamos traduzir nossas vivências em textos de prosa e poesia inspirados na proposta da escrevivência. Tendo em vista o papel de guia da professora convidada, será disponibilizado um número reduzido de vagas para esse encontro que será presencial na UFRJ, campus Praia Vermelha, no dia 05 de novembro.

NOSSA PROFESSORA CONVIDADA



Danielle da Silva Leal

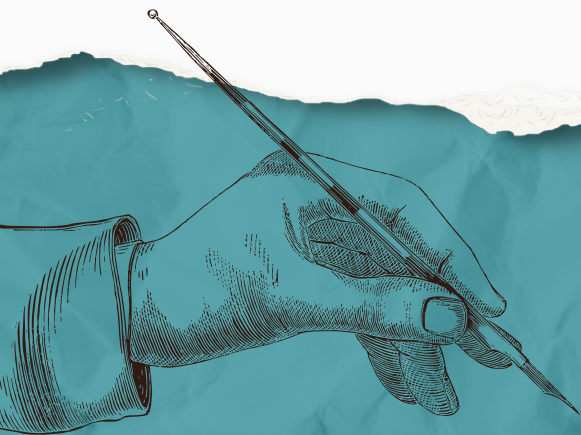
Profissional de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, licenciada em Letras - Literaturas de Língua Portuguesa pela Instituição A Vez do Mestre (AVM Faculdade Integrada), bacharel em Letras - português/literaturas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atua como professora de Língua Portuguesa e Redação. Especialista em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

A professora Danielle Leal será responsável por ministrar a oficina nos dois dias programados.

E-mail: danielle.sleal@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0487638256506288>

ESCREVIVÊNCIA: A ESCRITA DAS VIVÊNCIAS



Mulheres negras são muito mais do que histórias de violência, de superação ou a repetição de estereótipos sobre a empregada doméstica, a figura maternal, a mestiça sensual ou a mulher raivosa (...). Há uma multiplicidade de vozes e estilos. A expressão “autoras negras” não pode ser um rótulo que uniformiza diversas possibilidades (Borges, 2017).

Cunhado por Conceição Evaristo, a escrevivência relaciona o momento de escrita e vivência de mulheres negras. Segundo a autora, intelectual, linguista, professora e pesquisadora, o termo nasce de uma longa reflexão desde o período do Mestrado e se consagra em um seminário em 2003, cuja apresentação foi transcrita e publicada dois anos depois. A autora já vinha refletindo sobre o papel de mulheres negras escravizadas no Brasil na sua tarefa de contar histórias que adormeciam os brancos que viviam na casa-grande. Esse talento, no entanto, era proibido de ser publicado e essas mulheres foram impedidas de aprender a ler e escrever. Contar histórias por meio da música e da oralidade em geral eram movimentos que estimulavam e mantinham suas palavras e histórias através do tempo, porém elas permaneciam domesticadas e enclausuradas (EVARISTO, 2020a; 2020b; SALGUEIRO, 2020).


A colonização também contribuiu para representações de mulheres negras na literatura que relacionam o passado escravizado ou seguiam imagens de corpo-procriação e/ou corpo-objeto sexualizado voltado para o prazer do homem branco. Pessoas negras eram (e continuam sendo) representadas como adultos-infantis, preguiçosas, desorganizadas socialmente e incapazes de pensar ou sentir emoções além de uma raiva descontrolada. Isso coloca personagens negras como facetas simplistas de seres humanos (quando são sequer vistas como tal), retirando-lhes a dignidade (EVARISTO, 2020b). Não só essas mulheres jamais poderiam ser musas ou heroínas, como também lhes era negado o papel de mães, algo direcionado somente às mulheres brancas. Isso, para Evaristo (2020a), configura um duplo silêncio, na história “oficial” brasileira e na literatura, que estimulou mulheres negras a buscar seus espaços de autorrepresentação:

Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra. Na escrita busca-se afirmar as duas faces da moeda num único movimento (EVARISTO, 2020a, p. 223).

Evaristo demonstra como esse ato de escrever faz parte de um posicionamento contra a ordem branca dominante. Ler e escrever, como dois movimentos que se retroalimentam, permitem a apreensão do mundo para ultrapassar os limites impostos por uma única percepção de vida. Ao estabelecer diálogos com as vidas e os trabalhos de Clarice Lispector, Frida Khalo e Glória Anzaldúa, ela afirma que a escrita é o que proporciona a autoinscrição no interior do mundo. Isso se diferencia de uma visão que estabelece uma relação entre a escrita e a noção de domínio do mundo, que por si só já estabelece uma relação hierárquica emanando autoridade. Sua proposta não é sobre tomar para si a palavra ou a escrita, mas trazer as mulheres negras para esse espaço contra representações simplistas, racistas e estereotipadas de suas vidas, pensamentos e ações (EVARISTO, 2020b, p. 35-36).

Vale lembrar, portanto, que a escrevivência não se resume a uma auto-narração, em que a história individual de uma pessoa marginalizada pelas formas literárias dominantes vem à tona. De acordo com Evaristo (2020b), a escrevivência ultrapassa esse tipo de ação individualizada na medida em que proporciona um relato tanto nesse nível individual como também e, principalmente, dentro de uma noção de coletividade. As próprias visões de mundo africanas e afro-brasileiras que estimulam a escrevivência dentro de histórias que contam o cotidiano de mulheres negras e pobres são pautadas pela coletividade.

Por fim, é importante enfatizar o aspecto da oralidade presente na escrevivência. Evaristo (2020b; 2020c; SALGUEIRO, 2020) ressalta que assemelhar sua escrita ao modo como se fala no cotidiano, isto é, “esquecendo”, fugindo e até resistindo à norma padrão da língua portuguesa, é parte fundamental da proposta. Não se trata de um descuido ou falta de edição de texto, é completamente intencional. Para ela, escrever dessa forma é manter-se verdadeira a si mesma e às tradições de oralidade que suas ancestrais utilizavam para narrar histórias. É da palavra dita e, não escrita, que vem a escrevivência. É da palavra vivida que contamos nossas dores, nossos desafios e nossa realidade.



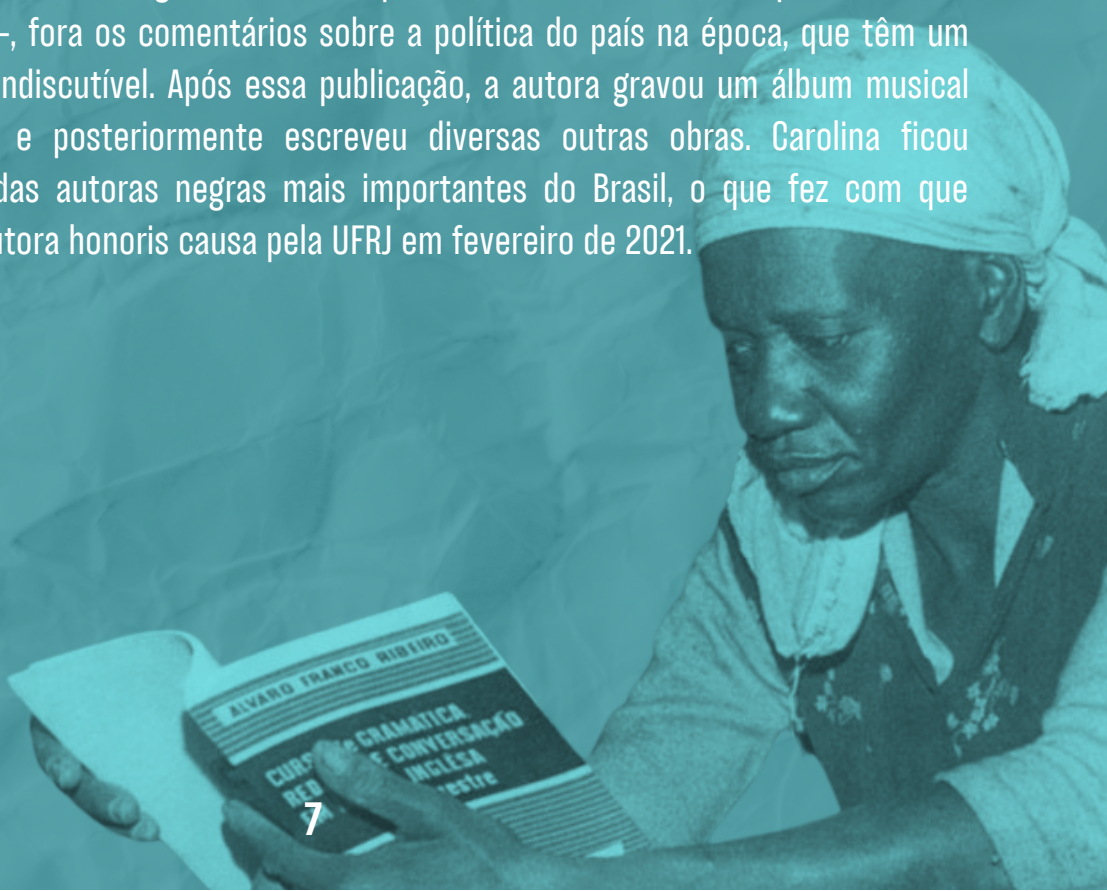
E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais (...). E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020b, p. 30).

COM QUEM VAMOS DIALOGAR: A AUTORIA FEMININA NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA



Carolina Maria de Jesus

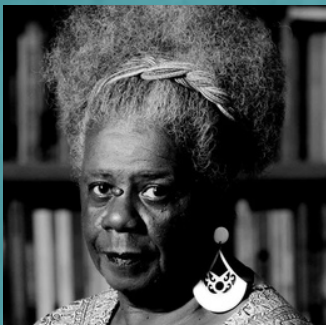
Escritora, compositora e poetisa brasileira. Nascida em Sacramento, Minas Gerais, e com apenas dois anos de estudo formal, Carolina mudou-se diversas vezes junto de sua família, sendo a favela do Canindé, em São Paulo, o lugar onde desenvolveu sua principal obra: “Quarto de Despejo – diário de uma favelada.”, que consiste em relatos de sua vida cotidiana na comunidade, em que trabalhou como catadora de papel para sobreviver e sustentar seus três filhos. A autora era apaixonada pela literatura e foram os livros que a ajudaram a encarar a realidade em que vivia, além de abrir portas. O sucesso de “Quarto de Despejo”, publicado em 1960, permitiu que Carolina mudasse de vida, ganhando reconhecimento internacional, inclusive. A potência do livro está na forma como critica a realidade, abrangendo menções a desigualdades raciais, sociais e de gênero – todas parte da vida da autora, enquanto mulher negra e pobre no Brasil –, fora os comentários sobre a política do país na época, que têm um caráter contemporâneo indiscutível. Após essa publicação, a autora gravou um álbum musical com composições suas e posteriormente escreveu diversas outras obras. Carolina ficou consagrada como uma das autoras negras mais importantes do Brasil, o que fez com que recebesse o título de doutora honoris causa pela UFRJ em fevereiro de 2021.





Eliana Alves Cruz

Jornalista e escritora contemporânea. Seus romances partem de um movimento de pesquisa da autora das origens da própria família desde os tempos da escravidão colonial, misturando ficção com história. Uma figura essencial para essa escrita foi sua tia Nunu, de 98 anos e diagnosticada com esquizofrenia, com quem a autora encontrou uma maneira particular de se comunicar, levando em conta seu estado mental, e pôde descobrir novos e importantes detalhes sobre a história não só de sua família, mas do Brasil como um todo. Cruz destaca que sua tia é uma fonte de conhecimento sobre cultura e política brasileira – ela tem uma vasta memória, que serve como uma fonte oral. A partir disso, escreveu obras como *Água de Barrela*, vencedora do Prêmio Oliveira Silveira, concurso promovido pela Fundação Cultural Palmares, em 2015, e *O crime do Cais do Valongo*. Os livros de Cruz têm uma preocupação em denunciar a situação da população negra no Brasil, marcada pela exploração de sua força de trabalho e pelo racismo, a fim de fornecer meios de encarar as reminiscências e consequências dessas práticas na população negra contemporânea. Apesar da compreensão desse passado ser dolorosa, a autora a reconhece como necessária, já que a realidade e a forma como ele afeta o povo negro exigem uma consciência das diferenças e violências que são perpetuadas.



Conceição Evaristo

Escritora, poetisa e pesquisadora. Nasceu em Belo Horizonte, mas posteriormente se mudou para o Rio de Janeiro, onde se graduou em Letras pela UFRJ, passando a atuar como professora da rede pública. Tornou-se mestre pela PUC-RJ a partir de estudos sobre a literatura negra e doutora pela UFF em Literatura Comparada, trabalhando as obras de Nei Lopes e Edmilson de Almeida – poetas afro-brasileiros – e sua relação com as do angolano Agostinho Neto. A partir da década de 1990, passou a publicar seus contos e poemas nos Cadernos Negros, um dossiê voltado para a valorização de textos de autores negros. Sua relação com a escrita vem desde a infância, na medida em que ela conta que, apesar de pobre em bens materiais, sua casa era rica em palavras. A família de Evaristo tinha uma tradição de ler livros, revistas e jornais antigos uns para os outros. A paixão pela prática da escrita é relacionada aos sonhos da autora; através desse ato, ela conseguia viver e imaginar um mundo além daquele que a rodeava. Foi a partir dessa percepção que a poetisa passou a enxergar a possibilidade de eternizar memórias por meio das palavras. Em seus textos, Conceição denuncia as desigualdades raciais, sociais e de gênero no Brasil, dando destaque às figuras femininas e negras como símbolos de resistência, um movimento que parte de sua própria vivência. Irmã de oito, a autora precisou ir morar com seus tios aos sete anos de idade para diminuir os gastos na casa da mãe e padrasto. Nesse lar, tinha uma condição financeira melhor, o que a possibilitou estudar. Evaristo relata ter sido tocada pelo contato com “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus, por se identificar com a realidade da autora. Inclusive, sua mãe foi inspirada por esse livro a também escrever um diário, que a poetisa carrega consigo. Na escola, a autora vivenciou um cenário de explícita exclusão que privilegiava os alunos ricos em detrimento dos pobres, chamado por ela de “apartheid escolar”, em que os menos abastados ficavam restritos ao porão do prédio, enquanto os privilegiados ocupavam os andares superiores. Isso fez com que tivesse maior consciência de sua condição social e racial. Ainda, a poetisa destaca a importância de seu tio, Osvaldo Evaristo, funcionário da Secretaria de Educação, no desenvolvimento da compreensão de sua negritude.

GUIA DE ESTUDOS

Apesar das dificuldades e da exclusão, Evaristo foi uma aluna exemplar e a escrita fez parte de sua trajetória desde cedo, concedendo-lhe um prêmio de literatura aos 12 anos de idade. Formada como professora, migrou para o Rio de Janeiro a fim de encontrar possibilidades de exercer a profissão, já que, segundo ela, a carreira no magistério na época dependia de relações e conhecidos, e, em Belo Horizonte, a percepção que tinham de si a restringia a um lugar de subalternidade. Ao continuar seus estudos na graduação e pós-graduações, Conceição Evaristo tornou-se um expoente da literatura brasileira e internacional.





Stephanie Borges

Jornalista, poeta, ensaísta e tradutora brasileira. Formada em Comunicação Social para UFF, atuou na tradução de livros de autores negros muito influentes, como bell hooks. Começou a ter contato com a tradução por causa do jornalismo, traduzindo reportagens em seu primeiro estágio, o que depois a levou a trabalhar no mercado editorial. Destaca a importância da experiência desse vínculo com as editoras, na medida em que isso a ensinou como os livros são feitos e a possibilitou conhecer autores que admira, proporcionando um aprendizado significativo e a fazendo entender que construir um livro é uma profissão coletiva. Seu primeiro grande trabalho de tradução foi com “Jihad John - Como Nasce um Terrorista.” Cresceu em uma casa com muitos livros, por sua mãe ser professora e seu pai um amante da leitura, o que despertou sua curiosidade e vontade. Nesse sentido, o contato de Borges com a leitura e o reconhecimento de sua importância vêm desde cedo, a partir do consumo das mais diversas obras. Entretanto, a poeta destaca que, por parte significativa de sua vida, leu majoritariamente autores brancos e europeus.

Então, ao conhecer “Americanah”, romance escrito pela nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, passou a entender a potencialidade da literatura negra e a profundidade com que conversava consigo. A tradução também influenciou diretamente em sua escrita, visto que as autoras com quem Borges trabalha abordam temas que são de seu interesse e viriam a fazer parte de suas obras, como negritude e feminismo, e ampliam sua compreensão sobre a complexidade das mulheres negras enquanto sujeitos. Escreve poesia desde a adolescência, tendo seu primeiro contato com o gênero a partir de Cecília Meireles e o usando para transmitir a partir das palavras as angústias dessa fase da vida, embora guardasse essas obras para si mesma. Teve encontros e desencontros com o gênero, chegando a considerar que era incompatível com ele, mas isso mudou quando passou a escrever em seu blog no site tinyletter, de forma descontraída e sobre quaisquer assuntos que a interessassem. Foi ao participar de uma oficina de poesia no Rio de Janeiro que começou a desenvolver sua escrita poética, versando sobre um tema que considerava banal – o cabelo – e descobrindo que havia muito a ser dito sobre isso, e de uma forma mais profunda do que imaginava.

GUIA DE ESTUDOS

A partir disso, escreveu seu primeiro livro, “Talvez precisemos de um nome para isto”, que trata justamente da relação das mulheres negras com seus cabelos, com o qual ganhou o Prêmio Cepe Nacional de Literatura. Acredita que, para que o Brasil possa se tornar um país com uma relação melhor com a leitura, é necessário desmistificar o livro e entender que ele é algo feito para qualquer público, além de formar novos leitores a partir do incentivo à prática.



GLOSSÁRIO

Casa-grande: grande casarão ocupado pela família do proprietário de propriedades rurais do Brasil colonial. Contraposta à senzala, a casa-grande metaforicamente se refere à sociedade branca nos dias atuais que segue se beneficiando das desigualdades socioeconômicas consagradas nesse período.

Colonialidade do poder: imposição hierárquica racial/étnica como ferramenta principal do padrão de poder, a qual age em cada um e nos mais diversos âmbitos da existência social do dia-a-dia e de sua escala.

Colonialidade do saber: modo de dominação por meio do conhecimento, para hierarquizar e pôr no topo uma forma de saber específica em detrimento das demais. Como exemplo, a não obtenção de devido conhecimento acadêmico sem a tradução do material de estudo para o inglês.

Colonialidade do ser: uma realidade que faz com que se inferiorizem pessoas, enquanto um tipo específico, como o europeu, se torna o modelo correto.

História Única: criação de narrativas estereotipadas, principalmente pelas sociedades hegemônicas, sobre povos subjugados por elas. Ao criar um véu de pseudo-realidade, essas “histórias únicas” criadas unilateralmente, impedem que se considerem essas pessoas com semelhança, empatia e verdade, servindo ao propósito colonial.

Colonialismo: Relação de dominação estabelecida entre dois povos, onde um subjuga e inferioriza a própria condição de existência do outro, arrasando a cultura e modo de vida alheia e substituindo pela sua própria, concretizando um poder político, econômico e social sobre o território e o povo colonizado.

Decolonialidade: Proposta teórica da América Latina para a América Latina que critica o eurocentrismo do debate pós-colonial e busca se libertar das atuais dominações coloniais. Denuncia que a colonialidade é a outra face da modernidade, que opera às escuras e permite a manutenção do padrão mundial de poder.

Escravidão: Originário do termo “eslavo”, porém parte da história mundial com expressões variadas, é o processo que retira a humanidade de um ser humano e o torna mercadoria, uma “coisa” a ser utilizada para fins privados. Apaga-se história, agência e liberdade desse “outro” para a exploração de seu corpo e alma.

Políticas Públicas: Ações e programas desenvolvidos pelo Estado para executar e garantir o acesso aos direitos que são estabelecidos na Constituição Federal e em outras leis, a fim de garantir o bem estar da população.

Pós-Colonialismo: Vertente teórica plural que busca chamar atenção para a permanência das relações de poder coloniais mesmo após a independência de países colonizados.

Racismo: Termo cunhado pelos europeus para designar características fenotípicas e genotípicas que separariam os superiores (europeus) dos inferiores (não-europeus), facilitando assim, o processo de escravização. Pode ser caracterizado atualmente como preconceito, discriminação ou antagonismo por parte de um indivíduo, comunidade ou instituição contra uma pessoa ou pessoas pelo fato de pertencer a um determinado grupo racial ou étnico, tipicamente marginalizado ou uma minoria.

Senzala: Alojamentos destinados a pessoas escravizadas nas grandes fazendas do período colonial. Em oposição à casa-grande, a senzala faz alusão aos povos escravizados, com destaque para a população negra, que ainda sofre os preconceitos e desigualdades da época.

Violência Sistêmica: É a violência fruto de práticas autoritárias profundamente enraizadas na sociedade, que persistem apesar das garantias democráticas expressas na legislação nacional. Resquícios da colonialidade que ainda se manifestam na sociedade e são negligenciados pelo Estado.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Stephanie. **Ler mulheres negras o ano inteiro**. Mulheres que escrevem, nov. 2017. Disponível em: <https://medium.com/mulheres-que-escrevem/ler-mulheres-negras-o-ano-inteiro-39ece187544a>

CRUZ, Eliana Alves. **O crime do Cais do Valongo**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

CRUZ, Eliana Alves. **Água de Barrela**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: SCHNEIDER, L; MOREIRA, N. (Orgs.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. 2. ed. João Pessoa: Ideia/Editora do CCTA, 2020a, pp. 219-229.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância; NUNES, Isabella (Orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b, p. 48-57.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância; NUNES, Isabella (Orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020c, p. 26-47.

JESUS, Carolina Maria de. **O quarto de despejo: O diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI-SP editora, 2017.

SALGUEIRO, Maria Aparecida. Escrevivência: conceito literário de identidade afro-brasileira. In: DUARTE, Constância; NUNES, Isabella (Orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 96-113.

